



Abraão e Maria: personagens que dão referência para os conceitos de Kierkegaard em *Temor e Tremor*

*Antonio Macedo dos Santos**

Resumo: Dentre os vários personagens que Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) inscreve em *Temor e Tremor*, Abraão, protagonista, e Maria são os que vivem na dramaticidade da fé. O artigo toma tais personagens como objeto de estudo, com o objetivo de analisar as figuras destes com vistas à compreensão sobre qual função eles cumprem na trama da obra. Para isso, embasa-se em fontes teológico-exegéticas e filosóficas, caracterizando uma metodologia pautada em revisões bibliográficas. Tomando os personagens a partir de tais fontes, os resultados apontam que é possível distinguir tradições que permitem maior compreensão de suas vivências de fato e das vivências que se diz que tiveram. Conclui-se que Abraão e Maria, mais que provas vivas do conceito de fé, de suspensão teleológica da ética, etc., são referências para compreender tais conceitos.

Palavras-chave: Ética; Suspensão; Abraão; Maria; Fé.

Abramo e Maria: personaggi di riferimento dei concetti di Kierkegaard in *Timore e Tremore*

Riasunto: Fra i tanti personaggi che Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) arrolla all'iterno di *Timore e Tremore* Abramo, il protagonista, e Maria sono quelli che vivono nella drammaticità della fede. L'articolo ha come fuoco di studio tali personaggi. Così, l'obbiettivo è fare un'analisi delle figure di Abramo e Maria com fuoco alla comprensione di quale funzione loro compiono nella tramma di *Timore e Tremore*. Per tanto, l'articolo si basa su fonti teologiche, esegetiche e

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: profantoniomacedo@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1542532472592021>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3887-7030>.

filosofiche, dunque si ha una metodologia di revisione bibliografica. I risultati indicano che havendo preso i personaggi partendo di fonti teologiche e esegetiche è possibile individuare tradizioni che permettono una più ampia comprensione delle sue reali vicende e delle vicende che si disse ebbero havuto. Insomma, Abramo e Maria, più che prove viventi del concetto di fede, di sospensione teologica dell'etica, ecc. sono riferimenti per comprendere tali concetti.

Parole-chiavi: Etica; Suspensão; Abramo; Maria; Fede.

Introdução

Não é raro ouvir sobre *Temor e Tremor*, de Kierkegaard, que já se tem muita coisa escrita e que, por isso, os problemas que o filósofo levanta ali já têm uma compreensão razoavelmente ampla. Não há exageros nisso. De fato, quando se faz pesquisas na internet sobre essa obra, os artigos, inclusive de pesquisadores mais renomados, são muito similares. A explicação para isso, a meu visto, é que eles, em geral, prendem-se às intuições de Kierkegaard sobre o personagem Abraão sem arrolar, nas suas reflexões, a contribuição de outras áreas de conhecimento, como a teologia e a exegese bíblica. Tanto esta quanto aquela, desde os tempos de Kierkegaard, têm passado por mudanças profundas causadas por questões derivadas, em geral, do método histórico-crítico e, no bojo deste, da teologia liberal¹.

¹ Rosino Gibellini (2007) escreveu, no seu clássico *A Teologia do Século XX*, que essa teologia liberal nasceu do encontro do liberalismo – como autoconsciência da burguesia europeia do século XIX – com a teologia evangélica. Seus pressupostos são a filosofia da religião de Hegel e de Schleimacher. É uma escola cujos limites são difíceis de serem desenhados. Mas há grupos que a representam mais visivelmente, como o de teólogos da primeira metade do século XIX, que optam por uma interpretação racionalista do Novo Testamento, dentre os quais David Strauss. Outro grupo, mais propriamente liberal, arrolava exegetas do calibre J. Wellhausen e historiadores da religião como von Harnack. As características desse movimento teológico são: a relativização da dogmática da Igreja, a leitura prevalentemente ética do cristianismo e a assunção rigorosa do método histórico-crítico. Esse método, *grosso modo*, consiste em fazer a crítica textual dos escritos bíblicos até identificar nele um núcleo mais próximo do texto original. A palavra de ordem dessa

Em tentativa de apresentar uma leitura que escape, mesmo que minimamente, à repetição no estudo de *Temor e Tremor*, apresento este breve escrito. Seu objetivo é analisar, na referida obra, não apenas a figura de Abraão, mas, ainda, a de Maria, com base em fontes bíblicas, teológicas, arqueológicas e mariológicas, com vistas à compreensão da função que tais figuras cumprem na obra.

Para alcançar esse objetivo, proponho uma organização do texto que, inicialmente, contextualize, brevemente, a obra *Temor e Tremor*, pondo em relevo sua estrutura, principais conceitos trabalhados (moralidade, absurdo, fé...) e o pseudônimo que a assina.

Em seguida, faço uma caracterização do personagem Abraão, tracejando um perfil do patriarca a partir de informações cruzadas de três vieses: um teológico (junto com os dados bíblico-exegéticos), um arqueológico e o filosófico (de Kierkegaard, basicamente), visando identificar como esses vieses se coadunam na categoria de “Cavaleiro da fé”. Em um terceiro momento, apresento a figura de Maria, a partir da literatura bíblica e de interpretações mariológicas, como mulher da fé que divide com Abraão as mesmas características que envolvem uma suspensão teleológica da ética.

Propor uma leitura nesses termos causa certo incômodo no âmbito da filosofia acadêmica, para não dizer repulsa. O motivo disso, claro, está na figura de Maria. Que haja uma resistência se compreende, afinal, falamos de filosofia. Entretanto, parece haver certa negligência no comportamento de uma repulsa imediata. Maria, como Abraão e outros nomes que povoam a história ou a consciência mítica, cumpre a função de personagens em *Temor e Tremor*. Se foi Kierkegaard quem a citou – na verdade, fez mais que isso – para expor seus conceitos, por que ignorá-la?

Nesse sentido, o comentário de Farago (2006) parece cheio de razão. Ela afirma que seria fora de propósito tentar pinçar aquilo que, na obra de Kierkegaard, pertence à área da teologia, da filosofia, da ética ou

teologia é “desmitologização”. Farago afirma que Kierkegaard subscrevia o método, pois ele representava “o abandono do literalismo [...] mas ele se situa em outro terreno bem diverso do liberalismo” (FARAGO, 2006, p. 14).

das paixões. Deve-se procurar compreender como essas diferentes vozes se cruzam na polifonia de um mesmo pensamento tão forte, de modo especial, em uma obra complexa como *Temor e Tremor*.

Contextualizando *Temor e Tremor*: pseudônimo, estrutura da obra e conceitos

Temor e Tremor está entre as obras de Kierkegaard mais conhecidas, lidas e comentadas. É assinada pelo pseudônimo Johannes de Silentio, que seria um homem já de avançada idade, comenta Gouvêa (2006), que esteve interessado em diferentes filosofias do seu tempo, mas percebe ter-se iludido. Refletindo sobre as passagens bíblicas referentes a Abraão, compreendeu a profundidade da vida de fé. Ele se sente incapaz de tornar-se um homem de fé como Abraão. É um homem que vive em um estágio ético-religioso.

Temor e Tremor está organizada com um Prólogo, uma primeira seção intitulada *Atmosfera*; logo em seguida, vem o *Elogio a Abraão* e a seção *Problemata*. Finaliza com o Epílogo. Para uma compreensão rápida do texto, a resenha de Alves (2016) é uma boa opção. Nos materiais atualmente publicados em eventos e em artigos, nota-se a ênfase que se dá à figura de Abraão e à sua trajetória pessoal de vivência do paradoxo e da fé no absurdo, deduzidos pelo autor a partir da leitura de Gêneses 22,1-19². São aspectos fundamentais da obra, pois funcionam como vetores para que o filósofo apresente sua concepção sobre uma suspensão teleológica da ética.

Tais aspectos poderão receber novas luzes e novos matizes se interpretados a partir do prisma teológico, pois, afinal de contas, as tradições sobre Abraão, bem como sobre Maria, mãe de Jesus, antes de serem matéria-prima para o pensador dinamarquês desenvolver sua filosofia, são objeto tanto da teologia fundamental (parte teologia que trata

² Podemos citar como exemplos Pereira (2019 e 2021), Paula (2008 e 2017).

da revelação de Deus, dos dogmas, etc.) quanto da teologia bíblica e da exegese bíblica.

Desde o século XIX, a exegese bíblica tem se apoiado cada vez mais em descobertas arqueológicas e o volume de produções da mais alta qualidade sobre os temas envolvendo o Oriente Próximo em vários períodos, inclusive o patriarcal, tem crescido consideravelmente. Além disso, a mariologia acadêmica³ também se desenvolveu muito, aprofundando aspectos antropológicos (Maria mulher, Maria livre, etc.) e aspectos bíblico-exegéticos.

Olhando para esse arcabouço, certamente poderemos trazer à luz mais detalhes sobre o drama de Abraão e de Maria. Uma vez conhecendo-os, o entendimento que temos sobre *Temor e tremor* poderá ser ainda maior. A figura de Abraão é refletida na obra inteira por Kierkegaard, porém, de modo mais incisivo na *Problema I: Haverá uma suspensão teleológica da moralidade?* É ali que aparece, também, a referência a Maria. Mas, antes de falar dela, devemos falar do personagem protagonista da obra: Abraão. Como podemos tracejar seu perfil?

A figura de Abraão

O passo inicial para compreender a figura de Abraão, mesmo na filosofia e na história das religiões, é debruçar-se sobre o relato do sacrifício de Isaac ou, mais precisamente, seu quase sacrifício. Para um entendimento melhor do drama do patriarca israelita, cito o texto bíblico da tradução da *Bíblia de Jerusalém*.

^{22,1}Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: “Abraão!”. Ele respondeu: “Eis-me aqui”²Deus disse: “Toma teu

³ A Mariologia é um ramo da teologia que estuda especificamente Maria a partir de vários vieses: bíblico exegético, histórico, etc. No Brasil, há boas traduções das principais obras mariológicas, geralmente do italiano, e uma produção própria sedimentada, que se deve muito ao pioneirismo de Clodovis M. Boff.

filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei”.

³Abraão se levantou cedo, selou seu jumento e tomou consigo dois de seus servos e seu filho Isaac. Ele rachou a lenha do holocausto e se pôs a caminho para o lugar que Deus o havia indicado. ⁴No terceiro dia, Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar. ⁵Abraão disse a seus servos: “Permaneçei aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós”.

⁶Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e foram-se os dois juntos.

⁷Isaac dirigiu-se a seu pai Abraão e disse: “Meu pai!” Ele respondeu: “Sim, meu filho!” – Eis o fogo e a lenha”, retomou ele, “mas onde está o cordeiro para o holocausto?”. ⁸Abraão respondeu: “É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho”. E foram-se os dois juntos.

⁹Quando chegaram ao lugar que Deus lhe indicara, Abraão construiu o altar, dispôs a lenha, depois amarrou seu filho Isaac e o colocou sobre o altar, em cima da lenha. ¹⁰Abraão estendeu a mão e apanhou o cutelo para imolar seu filho.

¹¹Mas o anjo de YHWH o chamou do céu e disse: “Abraão! Abraão!” Ele respondeu: “Eis-me aqui!” O anjo disse: “Não estendas a mão contra o menino” Não lhe faça nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único”. Abraão ergueu os olhos e viu um cordeiro preso pelos chifres num arbusto; Abraão foi pegar o cordeiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho. ¹⁴A este lugar Abraão deu o nome de “YHWH proverá” de sorte que se diz hoje: “sobre a montanha, YHWH proverá”.

¹⁵O Anjo do YHWH chamou uma segunda vez Abraão, do céu, ¹⁶dizendo: “Juro por mim mesmo, palavra de YHWH: porque me fizeste isso, porque não me recusaste teu filho, teu único, ¹⁷eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia

que está na praia do mar, e tua prosperidade conquistará a porta de seus inimigos.¹⁸Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeceste”.

¹⁹Abraão voltou aos seus servos e juntos puseram-se a caminho para Bersabéia. Abraão residiu em Bersabéia.

Diante desse quadro, Silentio expõe sua intenção de modo mais definido:

Extrair da sua história [de Abraão] sob forma problemática, a dialética que comporta para ver que inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão (KIERKEGAARD, 1979, p. 140).

No campo da razão, encontramos a ética. Mas, observando o caso de Abraão, Silentio nota que já não se está mais no campo da ética. Há situações novas em jogo. Silentio entende que a ética, em si, pertence ao universal e que a esse título é válida a todos. “Repousa imanente em si mesma”, afirma, “sem nada exterior que seja o seu télos, sendo ela mesma o télos de tudo que lhe é exterior” (KIERKEGAARD, 1979, p. 141). Mas a dinâmica das vicissitudes de Abraão leva Silentio a considerar algo novo. “Com efeito”, pondera ele, “a *fé* é esse *paradoxo* segundo o qual o indivíduo está acima do geral, mas de tal maneira que, e isso importa, o movimento se repita e, por consequência, o Indivíduo, depois de ter permanecido no geral, se isole logo a seguir, como indivíduo acima do geral” (KIERKEGAARD, 1979, p. 141, *itálicos meus*).

É nessa sobreposição que se encontra o que o filósofo chamou de *absurdo*. É absurdo que o indivíduo esteja sobre o geral e, contudo, ele está. Se o caso de Abraão não for tomado a partir desse prisma, continua Silentio, se não houver essa suspensão teleológica da ética, ele está perdido. Se não for esse o conteúdo da fé, nunca houve no mundo fé,

porque jamais ela se diferenciou do que é cotidiano (KIERKEGAARD, 1979).

Nesse drama de sacrificar Isaac, Abraão não se assemelha ao herói trágico, pois “não há a instância intermediária que salva o herói trágico” (KIERKEGAARD, 1979, p. 143). A partir desse momento, o autor de *Temor e tremor* faz uma revisão de algumas epopeias, mostrando como os heróis trocavam o certo pelo ainda mais certo, nunca saindo do geral. Coisa que não se aplica a Abraão.

Estes dois últimos parágrafos pinçam trechos da *Problemata I*, ponto alto de *Temor e Tremor*. Ali, Kierkegaard, na pena de Siletio, vai, *subito al dunque*, apresentando e desenvolvendo os conceitos de fé, paradoxo, absurdo e a categoria de “cavaleiro da fé”. Tais conceitos estão presentes por toda a obra de Kierkegaard, cuja extensão não é negligenciável. Uma leitura bem contextualizada e atualizada de tais conceitos em *Temor e Tremor* pode ser encontrada no conciso e didático escrito *10 lições sobre Kierkegaard*, de Jonas Roos (2021).

Roos explica que a ideia de movimento, ou melhor, de um movimento duplo (geral-individual), esclarece o conceito de fé. O mote para Kierkegaard é justamente a história do quase sacrifício de Isaac, citado anteriormente. A original interpretação que o filósofo faz do texto bíblico deixa claro que a história de Abraão gira em torno de uma provação ou tentação. Mas o intrigante é que, no caso do patriarca, a tentação é justamente o ético. É o ético que o impedirá de cumprir a vontade de Deus. Daí a necessidade de suspender da ética os ditames ou sua teleologia.

Ainda conforme Roos (2021), o ponto chave da narração do quase sacrifício de Isaac é o v. 5, onde o autor bíblico põe nos lábios de Abraão a afirmação “Eu e o menino [...] *voltaremos*”. Esse plural tem peso decisivo na narrativa, pois indica que Abraão tinha esperança de voltar com o filho. É uma esperança que não se articula com o cálculo humano, mas com uma aposta existencial. O primeiro movimento de Abraão, portanto, é o despojar-se, que Kierkegaard chama de *resignação infinita*. É um

movimento de abandono da realidade concreta ou da finitude. A isto comumente se chama fé.

Entretanto, ressalta Roos (2021), Kierkegaard não considerava assim. A resignação é decisiva, mas é apenas um momento dialético da fé. O outro momento é o retorno paradoxal à temporalidade e à finitude. Assim, a fé é sempre realizada por força do absurdo, mas de modo que a finitude não se perca. A fé é um movimento de síntese de finito e infinito, de ganhar a este, arriscando aquele, mas sem perdê-lo. A fé é um paradoxo. É esse paradoxo que dá sentido à existência, pois implica uma decisão individual que considera o finito e o infinito.

Nesse sentido, o comentário de Miranda de Almeida (2005) é pertinente. O autor observa que, enquanto indivíduo singular e, portanto, finito, Abraão supera o universal em virtude de uma “resignação infinita” e do salto qualitativo que é, precisamente, o “paradoxo da fé”. Diferentemente do jovem apaixonado, de um Jó, Abraão vai transgredir o ético. Vai fazer uma suspensão teleológica da ética, pondo-se sobre o universal, sobre o ético. É nesse percurso que ele se torna “Cavaleiro da fé”.

A fé parece uma alternativa à moral, que nem toda pessoa alcança. O herói trágico das epopeias gregas é grande por seu valor moral; Abraão, o Cavaleiro da fé, por seu valor pessoal. Abraão, continua Almeida, supera o universal sem perder o finito. Torna-se único, singular ou, para usar um conceito genuinamente kierkegaardino, Indivíduo.

Mais uma vez a contribuição de Roos (2021) é útil para compreender esse conceito que deve ser entendido na moldura da síntese ou do *torna-se si mesmo*. Todos nascemos humanos, mas temos de nos tornar um si mesmo ou indivíduo por meio de uma decisão individual. Mas não se segue disso que qualquer decisão que uma pessoa tome a fará um indivíduo, “Pois é possível decidir individualmente por tornar-se indivíduo escravo de si mesmo” (ROOS, 2021, p. 133).

O que conta é tomar uma decisão que ponha ou reponha a síntese na correta relação. Ou a síntese harmoniza eterno e temporal, finito e infinito, possibilidade e necessidade ou ela não existe. Roos comenta que,

“Quando a realização da síntese é efetivada sob a polaridade possibilidade/necessidade, ela é chamada liberdade” (ROOS, 2021, p 133). Tornar-se indivíduo é tornar-se livre.

Segundo Roos (2021), a síntese só acontece nesses termos quando repousa transparentemente no poder que a estabeleceu. Esse poder é Deus e é ele a origem do si mesmo. O autor comenta, ainda, que, para Kierkegaard, tornar-se indivíduo implica viver na finitude, na história, nas relações, em consideração amorosa ao próximo e, assim, em liberdade. Coisas todas que se encarnariam no Abraão visto por Kierkegaard. Um personagem que gera reflexão.

E para refletirmos sobre Abraão em *Temor e tremor* (e mais à frente sobre a figura de Maria), vamos olhar, também, para fora da obra. No tocante ao patriarca, a exegese transita em um núcleo de dados chamado de pré-história de Israel, sobre a qual já foi vertida muita tinta. Para uma compreensão rápida do tema, podemos nos ancorar no que reporta Antonius Gunneweg (2005).

Gunneweg (2005) explica que a apresentação bíblica que se faz dos patriarcas não corresponde à realidade histórica. A razão mais elementar para isso é que nenhum povo deriva de um único patriarca ou clã. Mas, para além disso, há que se notar que tudo o que se sabe sobre as figuras dos patriarcas começou a ser considerado com mais notoriedade, pelos israelitas, depois que terminou o exílio na Babilônia, o que data pelo século VI a.C.

Quando os israelitas saíram desse exílio, tiveram muita dificuldade para ingressar mais uma vez na Palestina. Usaram, pois, um mito de fundação, o dos patriarcas, para poderem fixar moradia por lá. Liverani (2008) comenta que esse mito não serve em absoluto para garantir direito à terra, já que é um mito. Mas funcionava muito bem para justificar a posição de quem entendia que, naquele momento, era preciso coexistir. Soma-se a isso que, entre os israelitas, havia uma tradição genealógica que os ligava às figuras de antigos chefes de clãs, dentre as quais estavam as tradições de Abraão, Isaac e Jacó.

Essas tradições também estavam presentes entre aqueles que habitavam a Palestina naquele momento, mas espalhadas. Segundo Gunneweg (2005), ao norte da Palestina as tradições de Isaac eram mais conhecidas, as de Abraão eram ao sul e as de Jacó eram mais da parte central da região. As pessoas que deixaram a Babilônia e que eram de origem palestina diziam fazer parte de vários grupos ou clãs diferentes. Havia, pois, grupos que reconheciam um patriarca nômade que se chamava Jacó, outros grupos reconheciam como patriarca Isaac e havia os grupos que reconheciam Abraão ou ainda outros nomes. Trata-se de uma discussão ampla e muito interessante. Nela, ocupa posição fundamental o estudo sobre a religião dos patriarcas, pois é o que mantém vivo o interesse sobre eles até hoje.

Nessa religião, a divindade cultuada como “Deus de Abraão”, “Deus de Isaac” e “Deus de Jacó” é chamada, na história das religiões, de “Deus dos pais”, como observam Gunneweg (2005) e Bright (2003). A característica mais notável dessa divindade é que em vez de se vincular a territórios, se vincula às pessoas que o cultuam. Assim, ele não possui um nome próprio, mas é chamado pelo nome de quem primeiro o cultuou e fundou um culto a ele, a quem esse deus primeiro fez promessas. De modo que, continua Gunneweg (2005), é comum se ler: “deus de teu pai”, “deus do meu pai” e, em uma fase mais reelaborada, “Deus de Abrão”, “Deus de Isaac”, “Deus de Jacó”.

Finalmente, quando as mais diversas tradições foram mais ou menos harmonizadas ao interno de uma só⁴, em um Israel já formado, surgiu a expressão “Deus de Abraão, Isaac e Jacó”. Desse modo, no caso

⁴ Não é que haja uma só tradição ou “fonte”. Em publicação, expliquei que, no caso do Pentateuco (cinco primeiros livros da Bíblia), há uma teoria das fontes, chamada de “teoria documentária”. É atribuída ao exegeta alemão Julius Wellhausen (1844-1918), para quem o Pentateuco seria formado a partir de quatro diferentes fontes. A fonte Javista (J), a Eloísta (E) – que concentram as narrações sobre Abraão –, a Sacerdotal (P, [em alemão Sacerdote se diz “Priester”]) e a Deuteronomista (D). J vem de um autor que prefere se referir ao Senhor como YHWH. A fonte E se refere a Deus como *Eloim*. D instrui o homem de fé de modo didático e exortativo e sua instrução é mais clara no livro do Deuterônomo. Por fim, J é mais interessado na construção de códigos rituais e litúrgicos (SANTOS, 2018).

de YHWH⁵ e do futuro povo de Israel, também o Deus dos pais está vinculado, em primeiro lugar, a um determinado grupo de pessoas, e não a um determinado lugar de culto. Assim, uma identificação da divindade dos pais com YHWH foi possível e natural (GUNNEWEG, 2005).

A religião patriarcal era, assim, uma religião de clã. Não estamos falando, exatamente, de judaísmo. Podemos supor, conforme explica Bright (2003), que o deus patrono fosse adorado acima de todos os outros deuses, quando, não com a exclusão deles, seria errôneo chamar essa religião de monoteísta. Mas o fato interessante é que ela não era parecida com religiões politeístas oficiais da Mesopotâmia da época e nem com culto da fertilidade em Canaã, de cujas orgias, observa Bright (2003), não há vestígios na narrativa do Gênesis. É nesse contexto de harmonização de tradições que a história do quase sacrifício de Isaac – para voltarmos a ela – plasma-se como uma *construção teológica*.

Segundo Bright (2003), independente de toda lição que se queria ensinar com ela, pode refletir a convicção de Israel de que seus antepassados não condescendiam com a prática do sacrifício humano vigente nos arredores. O culto dos patriarcas é descrito com simplicidade, como deveria ser. O centro desse culto era um animal. Mas era um sacrifício consumado sem um clero organizado, em qualquer lugar e pelo chefe do clã. Quando foram entrando na terra e conhecendo os santuários, os patriarcas os usaram certamente, mas nunca radicaram seu culto a eles; sempre mantiveram uma relação absoluta com o deus do clã.

Assim, pois, a figura de Abraão é o que é: uma figura. Tracejada de narrações míticas que cumpre uma função espiritual mais que histórica. É comum pensar no homem Abraão, vivendo seus dramas, em especial o

⁵ Essas quatro letras designam o que se chama, no hebraísmo, de “tetragrama sagrado”. Indicam o nome de Deus, que é impronunciável na tradição hebraica. Depois de muitos séculos, experiências exílicas e mudanças na língua, a correta pronúncia do nome foi esquecida. No século IX d.C, um grupo de exegetas chamado de Massoretas, vocalizou a Bíblia Hebraica, já que, nessa época, o hebraico não escrevia as vogais. Quando encontravam o tetragrama, o vocalizavam, erroneamente e de propósito, como *Jeová*, exatamente para o leitor não pronunciar o nome de Deus. Hoje, nas sinagogas YHWH lê-se: “Senhor” ou então “O nome”.

sacrifício de Isaac. Mas não é assim que se deve considerar, como indicam os estudos. Trata-se de uma imagem criada, cujos significados podem ser muito discutidos. Sendo, pois, uma figura que muito dificilmente tenha existido na forma como se acredita que tenha existido, o que se narra sobre ele pode ser visto como parâmetros de fé, ideais de obediência em via de atualização ou pura mitologia para os menos crentes.

Certamente, isso não diminui a força das reflexões que Kierkegaard teceu, mas retira qualquer referência direta a uma pessoa. O absurdo, a fé, o paradoxo se tornam ainda mais absurdo, ainda mais fé e ainda mais paradoxo, pois se trata não do que um homem foi capaz de fazer na sua dimensão espiritual ou religiosa, mas do que essa dimensão pode chamar uma pessoa a fazer.

Se é na *Problemata* I que Kierkegaard, na pena de Silentio, reflete sobre Abraão, é também nela que o filósofo cita Maria, mãe de Jesus. Trata-se de uma passagem breve e grave, pois põe Maria peito-a-peito com Abraão.

Maria em *Temor e Tremor*

Kierkegaard, sob as reflexões de Johannes de Silentio, leva em consideração o que de Maria se sabe: ser ela a bendita entre as mulheres. Entretanto, não deixa de considerar que essa bendita foi (e é) tão maldita. Muito se ouve falar que qualquer mulher poderia ser a mãe de Jesus, o que faria Maria não ter nada de especial. Mas o que realmente conta não parece ser o favor de Deus, embora seja de Deus; o que realmente conta e passa despercebido são a tribulação, a angústia e o paradoxo. Qualquer uma outra mulher estaria em condições de passar pela tribulação, pela angústia e pelo paradoxo?

Kierkegaard (1979) afirma que, mesmo sendo agraciada por Deus em sua gravidez, ela não foi diferente das outras mulheres durante esse tempo de nove meses. Foi um tempo de tribulação, angústia e paradoxo. O anjo não foi nada complacente com Maria, porque o que disse, o disse a

Maria só, como fez a Abraão. Longe, pois, de ser como no imaginário popular e até em algumas obras de arte, uma formosa mulher que brinca com o Menino, como que esquecida do que não se esquece: da tribulação, do paradoxo e da angústia.

No caso de Maria, temos, aparentemente, uma situação mais apalpável que no caso de Abraão. Após os eventos ligados à ressurreição de Jesus – conceito que, aliás, precisaria ser mais explicado ou, para usar os termos das teologias críticas à época de Kierkegaard, desmitologizado – pessoa mais autorizada a testemunhar sobre ele certamente era ela. A mariologia defende que, nesses testemunhos, tenha falado de si mesma. Kierkegaard não põe a ênfase no milagre que aconteceu a Maria, mas na força religiosa dela. Assim, ele afirma “Que se torna necessário, espiritualmente, compreender Maria” (KIERKEGGARD, 1979, p. 148).

Essa compreensão está vinculada a tudo o que lhe aconteceu e que só ela podia saber. O leitor do texto bíblico é informado pelo evangelista do que vai acontecendo à Virgem. Só que o evangelista deixa, não poucas vezes, nas entrelinhas, a dramaticidade da vida de Maria que ele mesmo registra. Fala-se pouco de Maria na Bíblia, mas são textos que merecem ser olhados mais de perto, como observa Boff (2010).

Um desses textos, por ora, pode ser lembrado. Trata-se de uma passagem em Mateus 1,1-17, que narra uma genealogia de Jesus. Trago alguns versículos dessa passagem bíblica:

^{1,1}Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, Filho de Abraão: ²Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó, Jacó gerou Judá e seus irmãos, ³Judá gerou Farés e Zara de Tamar. ⁵Salmon gerou Booz, de Raab, Booz gerou Jobed, de Rute. ⁶Davi gerou Salomão, daquela que foi a mulher de Urias. ¹⁶Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo.

Nessa genealogia, aparece a menção a quatro mulheres do antigo Israel e, claro, menciona-se Maria. As interpretações a respeito da inserção dessas mulheres na genealogia de Jesus são as mais variadas possíveis e os exegetas sempre tentaram entender por que o Evangelista as colocou ali,

junto a Maria. Elas e não outras. Uma interpretação muito interessante se deve à exegeta americana Beverly Roberts Gaventa (1997).

Ela entende que as quatro mulheres – Tamar que se fez de prostituta para que fosse mãe; Raab, prostituta verdadeira que ajudou os israelitas a conquistar Jericó; Rute, que fez parte de uma manobra para conquistar um homem rico e, por fim, a mulher de Urias, que fora amante de Davi – essas mulheres, em nome de suas decisões, que os judeus mais observantes consideram como essenciais para a história do povo hebreu, passaram pelas seguintes situações: em um primeiro momento, elas representam uma ameaça ao *status quo*, como no caso da mulher de Urias, que marcaria negativamente a reputação de Davi; em um segundo momento, a mulher passa a ser ameaçada e, por fim, a história se conclui de forma feliz com a afirmação da vontade de Deus, que prossegue desenhando as gerações.

Segundo Gaventa (1997), Maria divide essa sorte com as mulheres. Grávida antes de se casar, ameaça as tradições por meio de um escândalo e é ameaçada de ser abandonada por José, seu esposo. Enfim, entra Deus, como no caso das quatro mulheres anteriores, e muda as intenções de José de abandonar Maria, por meio de uma mensagem dada por um anjo.

Só nessa passagem já podemos notar uma trama apresentada pelo evangelista que deixa transparecer como foi difícil para Maria a angústia frente ao desconhecido que sua gravidez provocava, a tribulação causada pela ação de Deus, mas que somente ela sabia que era de Deus e o paradoxo de se acreditar no que lhe pedira Deus. O ponto de vista de Kierkegaard é interessante: ele parece ler a Bíblia buscando algo mais que as palavras escondem e que funciona como um vetor de comunicação de sua concepção de fé.

Vendo os dois casos, pode-se questionar: se no caso de Abraão há uma suspensão teleológica da moralidade; se se debruça a pensar na sua figura quase sempre sem fazer maiores questionamentos ao texto bíblico, por que razão, quando se pensa em Maria, não se acentua com mais ênfase que vale para ela também uma suspensão teleológica da ética? Por que não

entender que Kierkegaard, a modo seu, quis tirar Maria do silêncio e que se pode ler *Temor e tremor* considerando haver nela a postura de um “Cavaleiro da fé”, que mantém uma relação absoluta com o absoluto?

Conclusão

Propondo um debate nesses termos, toca-se em dimensões importantes. Primeiro é uma abordagem Ética, já que Kierkegaard é um pensador que a tematiza. É de se lamentar que Lima Vaz, na sua magistral *Introdução à ética filosófica I* (2012), tenha desconsiderado isso, limitando-se a dizer que a historiografia filosófica considera Kierkegaard como um teólogo e como inspirador das filosofias da *existência* que depois desembocariam na “Moda filosófica conhecida como *existencialismo*” (LIMA VAZ, 2012, p. 435, *itálicos do autor*). Um juízo sem dúvida tão severo quanto discutível. Em segundo lugar, tratando-se de um estudo que se propõe a relacionar elementos exegeticos, teológicos, culturais, etc., é natural inserir o tema no campo da filosofia da religião.

Ao proceder-se assim, pode-se alargar um pouco mais os ângulos de leitura da obra, fugindo, como antes mencionado, de textos tão símeis. Buscar elementos que provêm da exegese bíblica não é, nem de longe nem de perto, introduzir uma leitura espiritualizada da Bíblia na filosofia de Kierkegaard, já que, em geral, a exegese se ocupa da origem dos textos e tradições. Através dessa leitura desmitologizada, que o próprio Kierkegaard fez em algum grau sobre Adão no capítulo I d’*O Conceito de angústia*, pode-se entender mais a própria figura de Abraão e o seu drama. Trata-se de um drama literário, de uma epopeia; mas de uma epopeia diferenciada, porque se exclui dela a instância mediadora capaz de salvar o herói. Tudo o que resta é a mensagem, o ensinamento que o drama de Abraão traz sobre a fé, sobre o paradoxo e sobre a possibilidade de uma suspensão teleológica da ética.

A figura de Maria, ao ser posta na reflexão, foi analisada de um ponto de vista de crítica literária. Muito mais perto de nós, as tradições a

respeito dela são mais simples de serem conhecidas que as de Abraão. Os textos bíblicos, em geral, a põem numa situação sem saída à qual a resposta vem sempre por meio da fé. Crê numa solução quando solução não há. A passagem bíblica aqui analisada deixa transparecer isso.

Ao iniciar o texto, afirmei que seu objetivo era analisar, a partir de reflexões bíblico-exegéticas, as figuras de Abraão e Maria; figuras que, considerando o que se sabe pelas tradições a elas referidas, funcionam bem para dar referência aos conceitos de fé, paradoxo, absurdo e suspensão teológica da ética, não sendo possível ir além disso.

Referências

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ALVES, Carlos E. Cavalcante. *Temor e tremor, de Soren Kierkegaard, Lisboa Relógio D'Água* (Resenha). *Reflexão*, Campinas, v. 41, n. 1, p. 119-122, 2016. DOI: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v41n1a3720>. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3720>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Clodovis. *Dogmas marianos: síntese catequético-pastoral*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2010.

BRIGTH, John. *História de Israel*. 2. ed. Trad. Luiz A. Solano Rossi e Eliane C. Solano Rossi. São Paulo: Paulus Editora, 2003.

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Trad. Ephaim Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

GAVENTA, Beverly Roberts. All generations Will Call Me Blasted: Mary in Biblical and Ecumenical Perspective. *Princeton Seminary Bulletin*, Princeton, v. 18, n. 3, p. 250-261, 1997. Disponível em: https://ia803204.us.archive.org/14/items/princetonsemina1831prin_0/princetonsemina1831prin_0.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

GIBELLINI, Rosino. *La teologia del XX secolo*. Brescia: Queriniana, 2007.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel*: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. Trad. Monica Ortemann. São Paulo: Editora Teológica & Edições Loyola, 2005.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Temor e tremor*. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LIMA VAZ, Henrique Claudio de. *Escritos de filosofia IV*: introdução à ética filosófica, 1. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia*: história antiga de Israel. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Paulus & Edições Loyola, 2008.

PAULA, Márcio Gimenes de. O silêncio de Abraão: os desafios para a ética em *Temor e tremor* de Kierkegaard. *Interações*, v. 3, n. 4, p. 55-72, 2008. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6708/6135>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PAULA, Márcio Gimenes. Derrida, leitor de Kierkegaard: o caso de *Temor e tremor*. *Prometeus filosofia*, v. 10, n. 24, p. 139-149, 2017. DOI: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v10i24.7188>. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/7188>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PEREIRA, Claudinei Reis. A angústia silencial de Abraão: do silêncio de Moriá ao silêncio dos lírios do campo e as aves do céu. In: LIMA, Fransmar; ALMEIDA Jorge M.; SOUZA, Humberto de Araujo Quaglio (Orgs.). *O filósofo da Dinamarca*: vários estudos sobre Søren Kierkegaard. São Paulo: Liber Ars, 2019. p. 63-70.

PEREIRA, Claudinei Reis. O herói trágico versus o Cavaleiro da fé: Abraão como pai da fé e seus desdobramentos. In: TEIXEIRA, Natália Mendes (Org.). *Kierkegaard através do tempo*. São Paulo: Liber Arns, 2021. p. 205-228.

ROOS, Jonas. *10 Lições sobre Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/2358-82842019e26280>.

SANTOS, Antonio Macedo dos. *A relação com Deus*: uma reflexão sobre a Antiga e a Nova aliança à luz de Jo 2,1-12. Rio Branco: Nepan & Estrela Gráfica e Editora, 2018.

Data de registro: 05/09/2021

Data de aceite: 25/11/2021